

«NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)

INTRODUÇÃO - 1

«Quanto é preciso que este eu humano seja grande, meu amigo» (Ch. Péguy)

por Pierluigi Banna*

«Nunca vimos coisa igual!». Quanto desejamos poder dizer isto ao final destes dias. Mas temos um desejo ainda maior: que já amanhã, olhando-nos no espelho, assim como daqui a cinquenta anos olhando a nossa vida inteira, possamos dizer: «Nunca vimos coisa igual!». Uma vida, única, especial, grande.

Uma jovem da idade de vocês, Maria, tinha o mesmo desejo. Desde que recebeu o anúncio do anjo, quando disse: «Faça-se em mim segundo a vossa palavra» (cf. Lc 1,37), não houve um dia em que não tenha repetido: «Nunca vi coisa igual!». Também nós temos o mesmo desejo nestes dias. Basta pedir que tenhamos a simples disponibilidade daquela jovem, e Deus fará o resto na nossa vida, pois «para Ele nada é impossível» (cf. Lc 1,37).

Rezemos o *Angelus*, na página 76 do [livreto que vocês receberam](#).

Angelus

«ATÉ O AMIGO EM QUE EU CONFIAVA LEVANTA CONTRA MIM SEU CALCANHAR» (Sl 41,10)
Sejam todos bem-vindos! Bem-vindos mesmo, e não digo por uma formalidade! Bem-vindos, porque os esperávamos aqui, num lugar onde finalmente podemos não nos sentir escravos do juízo dos outros, dos que se dizem “amigos” sem o ser realmente; num lugar onde não precisamos ficar à mercê das notas que tiramos ou das pretensões dos adultos. Aqui podemos finalmente ser livres dessas escravidões – aqui somos acolhidos pelo que somos –, que nos deixam sempre mais inseguros e sozinhos.

Mas temos certeza de que conseguimos? Temos mesmo certeza de que, no fim, a vida não é um engano? Vocês realmente têm certeza de que não os estou enganando? Como escreve dramaticamente uma de vocês: «Como é possível dar a outra face a um pai que está ausente na sua vida? Como é que posso viver daquele amor que vi, mas que continuamente fica sepultado pelo ódio e pela insegurança?»»

* Introdução ao Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca, Rimini, 13 de abril de 2017.

** O livreto «*Nunca vimos coisa igual!*» contém os trechos citados no decurso do Tríduo Pascal e pode ser [baixado em formato PDF](#).

» A pergunta da nossa amiga é dramática e radical, como tantas das perguntas que vocês nos mandaram antes deste Tríduo. A questão é esta: temos certeza, no fundo, de que a vida nos espera – como canta Mannioa (*Che sia benedetta*) – quando vemos os nossos pais abandonar-nos para construir o futuro deles, adultos cada vez mais cínicos e com poucas esperanças a respeito dos nossos desejos, ou então amizades e amores que prometem muito, muito e muito, mas de repente nos fazem afundar na terra, para cima e para baixo ao longo da montanha russa das emoções? Temos mesmo certeza de que não nos iludimos quando dizemos que a nossa vida é especial, que podemos dizer da nossa vida: «Nunca vimos coisa igual!»? Ou não é verdade, então, como escreveu um de vocês – lê-lo encheu-me enormemente de ternura –, que a nossa vida é como um pneu sobressalente que às vezes poderá ser usado por alguém, desfrutado por alguém e depois abandonado?

É isto, como diz Dom Giussani na página 4 do livreto, o que «caracteriza o homem hoje: a dúvida sobre a existência, o medo do existir, a fragilidade do viver, a inconsistência de si mesmo, o terror da impossibilidade; o horror da desproporção entre ele e o ideal» (*Corresponsabilidade*).

Por essa escravidão à opinião dos outros (amigos, pais, professores), diante de uma nota baixa, diante de uma prova, diante da mensagem inesperada de um amigo, como disse uma de vocês (numa poesia sua, que está na página 6), «somos frágeis / ao sabor de eventos incontroláveis». Tudo, menos liberdade perante o juízo dos outros! Aliás, talvez o que caracteriza o nosso tempo seja justamente essa falta de ternura para com nós mesmos, arrastados de um lado para outro pelas pretensões de todos, pelas expectativas de todos, com a preocupação de não decepcionar ninguém. Mas, no fim das contas, ainda queremos um mínimo de bem para nós?

Parece que quem deve arcar com as consequência de todas essas pretensões seja o coitado do nosso eu. Gaber descreve isto de modo irônico, simpático, mas também trágico, na canção que está na página 5 (*L'odore*). Acha que realizou o seu sonho, vai com a sua namorada às margens de um lago; cria uma cena romântica, que talvez esperasse havia já muito tempo. Mas, num certo momento, sente um fedor horrível: deve ser o lugar. Então toma coragem, quebra o momento romântico e muda-se para outro lugar. Leva algum tempo para recriar a atmosfera com a namorada. E de novo o fedor! É ela quem fede! E então tenta não dar importância, beija-a para tapar seu nariz. Mas não há nada a fazer, e assim tem de renunciar àquele sonho. Volta para casa resignado, fecha a porta atrás de si e solta um suspiro de alívio. Mas ainda sente aquele fedor. Está nele todo! É ele quem fede! E não consegue tirá-lo de si. É esta a coisa terrível do nosso tempo: achar que nós somos errados, não que os outros pretendam demais de nós e não nos entendam, mas que nós é que somos inadequados, sem experimentar um mínimo de ternura para com nós mesmos. Na página 5 do livreto, Dom Giussani diz: se esmagassem o nosso dedão do pé no ônibus, imediatamente poderíamos gritar, brigar com aquela pessoa; mas, se nos dizem que não estamos bem, que não estamos bem vestidos, que dissemos algo errado, sentimo-nos morrer por dentro.

Pensar que a nossa humanidade seja irremediavelmente errada, sempre inadequada, nunca à altura da pretensão dos outros, é a grande desumanidade do nosso tempo: «Fazer desaparecer o eu» (*In cammino. 1992-1998*), como diz Dom Giussani (página 5). Quando nos dizem que somos errados, nunca gritamos! Ficamos como naqueles pesadelos em que o medo nos assalta e gostaríamos de gritar, mas falta-nos o fôlego, a voz não sai. É a maior traição que poderíamos sofrer. Esta, com efeito, é a maior desumanidade do nosso tempo: não tanto não conseguir, mas o fato de estarmos diante de alguém que nos diz: «Você não é capaz».

Então vem a tentação, como escreveu um de vocês, de renunciar a desejos grandes demais, ao buscar o «Nunca vimos coisa igual!», porque fazer perguntas grandes demais, ter de-»

» sejos grandes demais nos decepciona depois, e apenas nos faz sofrer. Assim nos deixamos devorar pela apatia da vida cotidiana.

Essa grande insegurança, esse grande medo de sermos simplesmente nós mesmos, vem do fato de perceber – como escreveu Hillesum na página 5 – que «ninguém te será grato por essa luta, ou, melhor ainda, a quem importará?» (*Diario*). De fato, que a vida seja um engano pode ser ainda uma coisa teórica, como dizia uma querida amiga minha de Roma, porque ainda podemos falar disso; mas, quando percebemos que não só o pai, não só o professor – que podemos deixar passar –, não só a namorada – porque encontram-se outras –, mas até o amigo em que confiávamos nos trai, ou seja, pensa que eu sou errado, que todo o meu eu, assim como é, o incomoda (e então é melhor não dizer certas coisas, não tocar em certos assuntos, nem sequer pronunciar algumas frases), então experimentamos a maior dor que um homem pode experimentar: a traição de um amigo.

Pensem que esta noite lembraremos o momento em que Jesus percebeu que um dos doze que mais tinha amado no mundo, Judas, um daquelas a quem tinha dado tudo, estava para traí-lo. Para Judas, a presença de Jesus já não era fascinante, amável, mas tinha passado a incomodá-lo. Jesus percebe que, para aquele amigo, é melhor que Ele morra.

Escutemos o relato do momento em que Jesus se dá conta da traição de Judas, como foi descrito pelas palavras do evangelista João. E pensem em todas as vezes em que também nós nos sentimos traídos, nos descobrimos sem rosto, por estarmos sem amigos; em todas as vezes em que sentimos desaparecer o nosso eu, em que não tivemos nada de ternura para com nós mesmos por nos sentirmos traídos.

«Jesus ficou interiormente perturbado e testemunhou: “Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará”. Desconcertados, os discípulos olhavam uns para os outros, pois não sabiam de quem estava falando. Bem ao lado de Jesus, estava reclinado um dos seus discípulos, aquele que Jesus mais amava. Simão Pedro acenou para que perguntasse de quem ele estava falando. O discípulo, então, recostando-se sobre o peito de Jesus, perguntou: “Senhor, quem é?” Jesus respondeu: “É aquele a quem eu der um bocado passado no molho”. Então, Jesus molhou um bocado e deu a Judas, filho de Simão Iscariotes. Depois do bocado, Satanás entrou em Judas. Jesus, então, lhe disse: “O que tens a fazer, faze logo”» (Jo 13,21-27).

Quando nos sentimos traídos por um amigo, sentimos um abismo que cava dentro de nós e descobrimo-nos sem um rosto. Vamos escutar o canto que está na página 6.

Il mio volto